

## TODO DIA É VINTE E CINCO DE JANEIRO

André Luiz Freitas Dias  
Fernando Antônio de Mélo

Cordel é poesia do povo  
Que sabe captar sentimentos  
Sejam fatos da história  
Sejam amores, tormentos  
Nesse caso ele registra  
Com poesia os sofrimentos

Mais aprendemos com o tempo  
Conhecer nosso lugar  
Quem sabe da dor do povo  
É quem por ela passa  
Queremos só com estes versos  
Tristeza compartilhar

Nossa história em Brumadinho  
É anterior ao crime  
Foi na luta pela água  
Que a Coca-Cola suprime  
Lá da Serra da Moeda  
Que sem água, ao povo oprime

Foram tantas violências  
Violações de direitos e danos  
Que o Polos foi convocado  
Para enfrentar os Tiranos  
A Vale e os governos  
Buscando lucros insanos

E com a comunidade  
A verdade revelar  
Pois junto com o sofrimento  
Vem a força de lutar  
Lutar contra covardias  
E a frieza de matar

Mas o povo é sempre esperto  
Com as mentiras amáveis  
Que tornam crimes graves  
Em fatos inevitáveis  
E a Jóia brasileira  
com desculpas inesgotáveis

Do Espetáculo do Desastre  
Negamos participar  
Os protagonismos locais  
Queremos valorizar  
A voz do povo é quem manda  
Só vamos amplificar

É outro nosso compromisso  
Universidade que mobiliza  
Fortalece políticas públicas  
Que o direito preconiza  
Junto à saúde local  
Que os cuidados realiza

Com este cordel queremos  
Nosso respeito expressar  
Duzentas e setenta e duas vidas  
A ganância veio ceifar  
Que nunca serão esquecidas  
Nem a história vai apagar

Por isso nos corações  
De Brumadinho inteiro  
Dilacerados com a dor  
Desse crime sorrateiro  
Todo dia que amanhece  
É Vinte e Cinco de Janeiro

### CORPOS DESCARTÁVEIS

Um esquete do Programa Transdisciplinar Polos de Cidadania da UFMG  
Dramaturgia: Fernando Limoeiro e trupe “A torto e a direito”  
Direção: Fernando Limoeiro  
Trupe “A torto e a direito”: Sol Marques Santos, Jéssica Naiane Cordeiro Alcântara, Marco Antônio Rodrigues de Aguiar Júnior, Raquel de Faria Rodrigues, Alice de Oliveira Cabral e Silva, Lucas Raimundo

Pesquisadores-extensionistas envolvidos:  
André Luiz Freitas Dias e Gabriel Augusto Vilaça da Silveira

**PRÓLOGO:** Num espaço público ou praça de uma comunidade, uma trupe de teatro se apresenta, abordando uma catástrofe criminosa que acabara de acontecer e atingiu a todos os moradores.

**PERSONAGENS** (por ordem de entrada):

Arauto – narrador

Valéria Ganancia – Morte

Conceição Brumadinho – defunta agricultora que ajudava o tio na lavoura às margens do Paraopeba

Eustáquio Brumadinho – defunto motorista; funcionário terceirizado

Alberto Brumadinho – defunto engenheiro da Cale

Arauto: Vamos se aproximando, senhoras e senhores, que a trupe “A torto e a direito”, do Programa Polos de Cidadania, junto com o Teatro Universitário da UFMG, preparou um espetáculo exclusivamente para vocês! Vocês que querem se divertir e, ao mesmo tempo, refletir, prestem atenção a esse emocionante, lacrimajante e estonteante esquete teatral. Vale ressaltar o quanto a arte é necessária ao homem e não adianta censurar ou cortar verba, porque teatro verdadeiro é aquele feito de sonho e de garra, que ensina divertindo e diverte educando! Alegria os justos e aos injustos vai incomodando. Com vocês: Corpos Descartáveis!

**Em7 A7 B7 Em7**

Sob o sol quente do dia  
No roçado ou na caldeira  
Pro povo da nossa terra  
É sempre segunda-feira

Uma empresa de renome  
Conhecida e respeitada  
Fazia do dia a dia  
Desse povo uma empreitada

Refrão

É garimpeiro, motorista, engenheiro  
 Todo mundo contratado  
 Trabalhando com minério

Mas a empresa esqueceu de avisar  
 Que dinheiro na verdade  
 É o que era levado a sério

Eustáquio:

Trabalhava a qualquer hora  
 Sem saber como voltar  
 Duas horas da manhã  
 Me faziam acordar

Sem saber sequer meu nome  
 O chefe mandou chamar  
 Dirigir sei lá pra onde  
 Só me resta trabalhar

Refrão

É garimpeiro, motorista, engenheiro  
 Todo mundo contratado  
 Trabalhando com minério

Mas a empresa esqueceu de avisar  
 Que dinheiro na verdade  
 É o que era levado a sério

Alberto:

A camisa da empresa  
 Eu vesti sem questionar  
 Emprego de engenheiro  
 Tenho que valorizar

Bate ponto, faz visita  
 Vivo no computador  
 Toda hora é reunião  
 Nunca desliga o motor

Refrão

É garimpeiro, motorista, engenheiro  
 Todo mundo contratado  
 Trabalhando com minério

Mas a empresa esqueceu de avisar  
 Que dinheiro na verdade  
 É o que era levado a sério

Conceição:

“Isso é coisa do trem ruim”  
 Foi meu tio que me disse  
 As plantas quase morrendo  
 Olha só que esquisitice

O meu rio Paraopeba  
 Já não dá mais alimento  
 Essa empresa só enriquece  
 E a gente sem sustento

Arauto

Essa gente na labuta  
 Seguia seu dia a dia  
 Trabalhando a mil por hora  
 Mas mantendo a alegria

Porque além de trabalho,  
 Tinha família e escola,  
 Tinha casa, tinha sonho  
 Correndo cidade afora

Tinha também uma barragem  
 Construída na cidade  
 A partir dela, sustento  
 Pra essa gente sem maldade

E foi justo essa barragem  
 Por descaso da empresa  
 Que provocou triste fim  
 Chegado em tom de surpresa

Surpresa nem sempre é boa  
 E essa nos fez chorar  
 Sem preparar as pessoas  
 Pro alarme que ia tocar

Não deu tempo de ir embora  
 De largar sua cidade  
 Que virou leito de lama  
 Grande palco da maldade

Foi-se embora muita gente  
 Ficaram só na memória  
 E a empresa imoral  
 Marcou com lama a história

Adeus povo bom, adeus  
 Adeus aos que foram embora  
 Adeus povo bom, adeus  
 Adeus aos que foram embora!

*(Arauto, junto com a Morte, entra marcando com um tambor numa espécie de cortejo fúnebre, enquanto os atores defuntos respondem em coro)*

Primeira Incelênça (*cantado*):

**GCD**

Uma incelênça  
 Pra quem está na lama  
 Despertem, não se esqueçam  
 Que os mortos reclamam

*(Eustáquio – falado)*  
 Despertem, nunca esqueçam  
 Que os mortos também reclamam

Duas incelências  
 Pra não ter confusão  
 Esse mar é rejeito  
 De contaminação (*bis – Conceição*)

Três incelências  
 Dizendo que a hora é hora  
 É a sina de Minas  
 Destroem e vão embora

*(Alberto – falado)*  
 É a sina de Minas  
 Destroem, faturam e vão embora

Arauto (*em tom de contador de história*):

Num espaço encantado  
Onde as palavras têm rimas  
Onde as coisas mais terríveis  
Se transformam em coisas lindas  
Acontecem mil histórias  
Que nos tocam, são bem vindas

Bem vindas para esclarecer  
Os labirintos da história  
Dos crimes que muitas vezes  
São contados como glória  
Principalmente pra gente  
De alma boa e simplória

Um poeta se rebelou  
E abandonou a cidade  
Pelos estragos que uma firma  
Causou na comunidade  
Destruindo um morro inteiro  
Por ganância e crueldade

E deixou esse cordel  
Contando revolta e sina  
Dos sonhos que destruíram  
Atacando na surdina  
E o poeta, junto ao povo  
Protesta com duras rimas

Morte:

Eu sou Valéria Ganância  
Permitam me apresentar!  
Já que ele falou meu nome  
É hora de eu me expressar  
Essa história mal contada  
Tenho que recontar

Uma empresa chamada Cale  
Que trouxe emprego e progresso  
Arriscou muito dinheiro  
Construindo seu sucesso  
Sofreu acidente grave  
Destruindo seu processo

Processo que sempre trouxe  
Ao povo benfeitorias

Mudando toda a cidade  
Ampliando a economia  
A cultura e a educação  
Numa total melhoria

Porque na verdade a Cale  
É uma joia brasileira  
E não pode ser culpada  
Por uma simples besteira  
Que faz esse povo ingrato  
Esquecer a história inteira

Conceição: (*levanta-se*) Epa! Agora foi demais! Era só o que faltava, aparecer essa figura, manequim de cemitério, pra defender um crime! E mesmo depois de mortos somos chamados de ingratos. Imaginem quem tá vivo, o que não tem que aguentar... Fico pensando nas comunidades ribeirinhas, que, como meu tio, a vida inteira dependeram da água pra plantar, pra comer, pra viver. Eles acham que o dinheiro compra tudo!

Eustáquio: (*levanta-se*) E compra mesmo! Epa digo eu! Pois, na verdade, Conceição, até pra ser defunto carece de ter sorte. Eu já soube que um morto como eu, terceirizado, vale bem menos do que um defunto contratado pela Cale. Minha família vai se lascar!

Alberto: (*levanta-se*) Eustáquio, inveja depois de morto não vale nada. De que adianta se o dinheiro que eu vou receber como funcionário da Cale não poderei desfrutar?

Eustáquio: Mas já desfrutou. E muito! Além da estabilidade de emprego, que eu nem cheguei perto, Alberto. E depois, tudo que acontece de errado, a culpa é do terceirizado!

Alberto: Ah, mas tem coisas que dinheiro não paga. Ou você acha que a nossa vida tem preço?

Eustáquio: É claro que para a Cale a nossa vida vale muito pouco! Agora, quanto ao dinheiro, Alberto, sua família vai estar muito mais bem assistida, é ou não é? Só o seu plano de saúde é maior que meu salário!

Conceição: Eustáquio Brumadinho e Alberto Brumadinho! Vocês parem com essa discussão que a Cale adora jogar uns contra os outros e ficar assistindo. Quanto mais intriga houver, menos articulação vai ter.

Eustáquio: É isso mesmo, Conceição! Nós não podemos mais cair nessa armadilha. Principalmente depois de morto. Se a gente nunca brigou em vida nem por causa de dinheiro, porque vai brigar agora na morte?

**C#m F#m Gm**

Olha só, veja só  
Não precisa de mais conflito  
Só vai deixar mais aflito

Olha só, vamos ver  
Se a gente trabalhar juntos  
É mais fácil resolver

É... tanta coisa  
Que eu perdi minha razão  
Não adianta brigar  
Pra encontrar solução (bis)

(*todos concordam*)

Alberto: É isso mesmo! Para a Cale, é fácil resolver tudo com dinheiro. Mas a dor que a minha família está sentindo não tem preço. Eles nunca vão nos esquecer! Os mortos costumam ficar mais vivos na memória dos que ficam.

Conceição: Acredita que eu não tinha pensado nisso, Alberto? Às vezes, os vivos estão mais mortos do que nós. E todo lugar que tinha cheiro de lembrança agora

tem cor de saudade, de lama, de perda. Eu fico pensando na agonia de minha família quando chegou a notícia do rompimento. Já são 8 dias de espera e ninguém encontra nossos corpos.

Eustáquio: E minha mãe, então? Ser filho único é dor dobrada. Parece que eu estou vendo ela ajoelhada nos pés de Nossa Senhora Aparecida, rezando dia e noite.

*(Arauto entra)*

Arauto:

Entre os crimes mais terríveis  
Mais cortantes e medonhos  
O pior deles, acredite  
É poder matar os sonhos

Porém os sonhos resistem  
Com a força da esperança  
Em cada flor que renasce  
Em cada nova criança

*(Arauto canta junto aos mortos e a plateia:  
Amo-te muito – Nara Leão)*

Amo-te muito  
Como as flores amam  
O frio orvalho que, infinito, chora  
Amo-te como o sabiá da praia  
Ama a sanguínea  
E deslumbrante aurora  
Ó não te esqueças  
Que eu te amo assim  
Ó não te esqueças  
Nunca mais de mim

Eustáquio: É... E o pior: a Cale calou-se diante da nossa dor. Trata todo esse sofrimento como se fosse um dado estatístico, um acidente de percurso... Até as noites mudaram. Papo de boteco agora sempre termina em papo de morte. Ninguém faz mais seresta, ninguém conta mais piada... no meio da conversa sobre futebol, entra o rompimento da barragem.

Alberto: Todos só querem falar da dor da perda e dessa melancolia que tomou conta de tudo, mas apesar disso, a cidade resiste!

Conceição: Verdade, Alberto! E eu tenho certeza que nosso povo está lutando e vai continuar nessa batalha até que toda a cidade se regenere. Eu sempre acredito numa nova primavera.

Eustáquio: Eu sou otimista até depois de morto.

Conceição/Alberto *(rindo)*: Otimista? Você?

Alberto: Tudo que você fez desde que a gente chegou aqui foi reclamar!  
Eustáquio: Que isso, também não é assim não! Tô falando sério! Eu acho que eles estão muito perto de nos encontrar.

Alberto: Olha, otimista eu também sou, mas em tempos de meias verdades, é bom lembrar que esse país tem memória curta.

Eustáquio: Já estão quase esquecendo da catástrofe de Mariana que não faz nem cinco anos! Porque aqui nesse país um escândalo cobre o outro, uma dor sufoca a outra, essa é que é a verdade!

Morte: *(voltando, junto ao Arauto, que acompanha os versos, marcando com o bumbo)* Falou em verdade, é comigo mesmo! Olha aqui, se dependesse de mim, já tinha encontrado vocês todos e eu já estaria longe daqui.

**Em A9**

Eu sou a rainha do nada  
Dama do absoluto  
Seja dono ou empregado  
Seja dia ou no escuro  
Quando beijo meus amados  
Claro que eu faço carícias de luto

Defuntos:

**Em A9**

Não queremos carícias  
Nem seus beijos de morte  
Você se exaltando  
Por ceifar nossa sorte  
Todo esse sofrimento  
Pra você não passa de esporte

Morte: O quê? Se vocês pensam que eu gosto desse tipo de morte, estão muito enganados. Não tem grife, nem exclusividade.

Eustáquio: Grife? Um horror desses e você pensando em exclusividade? Você não faz ideia do tamanho da dor que essas mortes causaram!

Alberto: Não sabe! Não tem ideia da dor que eu tive por não poder entregar o primeiro presente para o meu filho que ia nascer.

Morte: Eu não tenho nada a ver com nascimento! Isso é uma falta de respeito com meu ofício eterno!

**D#m7 A#7 | A#7 G#m D#m7**

Eu detesto batizados  
Gosto de velórios grandes  
Crematórios com direito  
A buffet e espumantes

E também com vinhos raros  
Coroas com orquídeas grandes  
Ou as mortes nordestinas  
Com canções emocionantes

Carpideiras com inselências  
Lágrimas cristalizantes

Conceição: Você gosta e acha bonito porque não sabe de nada! O meu tio foi achado e foi velado num caixão trocado. A mulher dele já tinha derramado um riacho de lágrimas quando chegou a fu-

nerária e falou: “Ó, eu sinto muito, mas o seu defunto é outro, viu?”. Já pensou? Chorar pelo defunto errado?!

Eustáquio: Misericórdia! Se fosse comigo eu gritava com todo mundo até abrirem o caixão pra eu ter certeza de quem tava lá!

Conceição: E ela gritou! A Cale não deixou: “caixão aqui é lacrado!” Ela fez um escândalo de dor. Adiantou? Como os velórios só podiam durar de 5 a 15 minutos, a Cale mandou vir um enfermeiro e aplicou um sossega-leão nela.

Morte: Estratégia, meu bem. Estratégia! Todo velório se presta à comoção e pobre adora um escândalo! Já imaginaram aquele povo todo revoltado contra a Cale e berrando em todos os caixões? Ia ser uma loucura! Nenhuma empresa suporta tanta propaganda negativa, mesmo sendo uma joia para a economia. Mas vamos mudar de assunto...

Alberto: Mudar nada, eu tô reconhecendo essa sua voz venenosa...

Conceição: Eu também!

Eustáquio: Eu mais ainda!

Alberto: Eu lembro de ter lhe visto num escritório da Cale recebendo um malote. Era o preço pago por nós, não era? Não é a toa que você se chama Valéria Ganância.

Morte: É que pra mim só há um poder que pode enfrentar a morte. Só há uma força para a qual eu me rendo. Nada é mais forte pra mim do que o dinheiro.

### GCDG

Dinheiro não perde guerra  
Para tudo é solução  
Manda em tudo nessa terra  
Paga até minha missão

E pra quem aí disse  
Que eu não tenho razão  
Procure se informar  
Mude sua opinião

Dinheiro não perde guerra  
Para tudo é solução  
Manda em tudo nessa terra  
Paga até minha missão

Pode até calar o povo  
E mudar opinião  
Dinheiro é coisa boa  
(*Apenas a morte*) Aquece meu coração

Morte: Tenha dinheiro e tudo o mais lhe virá como acréscimo!

Eustáquio: Eu fico pensando na hora em que começarem esses pagamentos.

Morte: Vocês ainda irão ver o jogo virar. E essa mala vai provar (*abre a mala com dinheiro*). Às vezes, o dinheiro faz até a lágrima secar.

Alberto: E a ganância faz ela desaparecer. Eu aposto que essa é a famosa mala dos 700 mil.

Morte: E se for? Não é da sua conta!

Conceição: Mas é da minha! Garanto que minha família nunca vai esquecer da dor dessa tragédia. Gente como eu nasceu e criou-se na terra, o adubo do coração é outro. Suborno é erva daninha, é carrapixo que garra na alma!

Morte: Fofa, você esquece que meu ofício merece ser bem remunerado, porque sou a única que pode exercê-lo. E toda exclusividade tem seu preço. (*em tom de provocação*) Eu só não entendo por que vocês facilitaram tanto o meu serviço...

Eustáquio: Ah, mas é agora que eu mato essa Morte! A culpa é nossa? A responsável

por isso tudo é a Cale! Inclusive, pelo restaurante para os funcionários, que estava cheio de gente almoçando na hora que a lama chegou.

Conceição: E quer saber mais? Muita coisa já estava aqui antes da Cale chegar. Por isso, os velhos moradores, como meu tio, ficaram arrasados, indignados, e com toda razão! A lama enterrou nossa história.

Todos (exceto Conceição): É o preço pago pela minerodependência.

Conceição: Mineiro o quê?

Eustáquio: Mi-ne-ro-de-pen-dên-ci-a! As mineradoras chegam com seu poder financeiro e dominam a comunidade. Tem gente que é até contra a gente ser contra.

Alberto: Emprego pra uns...

Conceição: Indenização pra outros...

Alberto: Lazer para todos! Basta ver os bailes, as festas... Chamaram até Simone & Simária para cantar aqui... Até um boulevard eles fizeram em Barra Longa, querendo provar o “desejo de restauração da natureza”.

Morte:

### DAEAD

Todo mundo saiu ganhando  
tudo novo e brilhante  
onde tem festa pro povo  
tem sorriso estonteante

A natureza restaurada  
agora tá tudo bem  
a cidade tá alegre  
reunida em paz e bem

Alberto: O famoso pão e circo né! Ah, por favor!

Eustáquio: Mais essa pra gente engolir, eu hein!

Arauto:

Mas essa restauração  
Não deu grande resultado  
O boulevard na verdade  
Era todo maquiado  
A intenção verdadeira  
Era cobrir o estrago

Pintaram a grama seca  
Com o verde mais destacado  
E de branco os coqueiros  
Em que a lama tinha grudado  
E o povo olhando de longe  
Até que achou ajeitado

Mas não contavam com os cães  
Rolando em grama pintada  
Ficando assim todos verdes  
A farsa desmascarada  
Provando que a cidade  
Em nada foi restaurada

Eustáquio: Enquanto isso, a terra vai sendo corroída e arrasada. E o minério extraído vai sendo beneficiado e reaproveitado para enriquecer o bolso deles. Isso sem falar que as águas de minas estão todas comprometidas com a mineração.

Conceição: Pelo que eu tô vendo, os nossos lençóis d'água tão servindo é para cobrir as falcatruas da Cale.

Alberto: Eu não acredito que eles ainda conseguem lucrar com essa tragédia em forma de lama.

Eustáquio: Pois lucram! Eles estão garimpando e faturando com o minério que retiram do rejeito! E pra gente, o que é que sobra?

Morte: Sobra o bem-estar e o progresso, seus ingratos! O que era essa cidade antes

da Cale chegar? Uma cidadezinha qualquer do interior de Minas...

Conceição: Nada disso! Era um povo sossegado, vivendo na sua terra, do que plantavam, do que colhiam. Todo mundo em paz.

Arauto: Me lembrei do poeta, que disse: **“cada um de nós tem seu pedaço no pico do Cauê”**. Agora, essa cidade é só uma fotografia na parede.

Todos os defuntos: Mas como dói...

Morte: Pera aí... eu acho que eu tô ficando doida. O que que eu tô fazendo aqui? Conversando com defuntos, casos já resolvidos... Isso só pode ser teatro!

**Em A9 B7**

Ô povinho enxerido  
Esquisito e danado  
Está sempre do contra  
Nunca fica calado  
E cutuca a história inteira até encontrar  
O que é falso e errado!

Mortos:

Só você não enxerga  
Que o jogo virou  
Você não acredita  
A história acabou  
Tira essa máscara que por tanto tempo  
Lhe cegou

Morte: Cheeeeee! Tá bom, eu já entendi! *(pausa. Atriz percebe que está fazendo teatro)*

Tuuuuuum! *(os mortos congelam)*

Arauto:

Acontece, meu grande povo  
Que isso tudo é teatro  
A gente faz fantasia  
Pra olhar melhor o fato

Essa morte que vos fala  
Desde o início tão cruel  
Sem limites, nem rigor  
É atriz no seu papel

Mas ninguém quer terminar  
A peça com tanta dor  
Então minha querida morte  
Se despeça, por favor

Morte: *(tirando o chapéu)*

Um espetáculo pra ser justo  
Também pode utilizar  
Uma personagem cruel  
Servindo pra reforçar

Que a verdade disso tudo  
É que nada foi acidente  
Porque tem nome o culpado  
E também tem precedente

Mas a morte já fez sua parte  
Veio pra representar  
Os verdadeiros criminosos  
Que ainda tentam se ausentar

Me despeço da personagem  
E me mostro como artista  
Eu, através do teatro  
Espero que você reflita

Peço perdão a todos  
E agradeço pela acolhida  
Não vamos deixar  
Mais essa história esquecida

Arauto:

História que muitas vezes  
O próprio povo não vê  
O próprio povo não crê  
Que ele poderia mudar  
Mesmo que os poetas  
Agindo como profetas  
Em versos venham alertar

Poetas são visionários  
Sabem dominar o tempo  
E sempre previnem os homens  
Mudando seu pensamento  
Como o cordel que assistimos  
Para vencer o tormento

E quando os poetas falam  
Incomodam muita gente  
Vereador, deputado  
Homem de toda patente  
Por isso são detestados  
Pois a poesia não mente

*(defuntos, com os instrumentos, se reúnem em fila, junto com Morte e Arauto)*

Todos:

Uma incelença  
Cantamos em respeito  
A todos que se foram  
E perderam seus direitos

Duas incelenças  
Do fundo do peito  
Nós pedimos paz  
pelo mal que já foi feito

Três incelenças  
Cantamos com amor  
Adeus irmãos, adeus,  
estamos a seu favor

*(bumbo)*

Alberto: No dia 2 de fevereiro, foi encontrado, próximo ao restaurante, o corpo do engenheiro Alberto Brumadinho.

Conceição: Conceição Brumadinho foi encontrada próximo ao corpo de Alberto.

Eustáquio: Os bombeiros encontraram também junto a eles o corpo de Eustáquio Brumadinho.

Arauto: Um fato, porém, surpreendeu a todos.

Defuntos: Os três corpos estavam de mãos dadas.

Arauto:

E assim os sonhos resistem  
Com a força da esperança  
Em cada flor que renasce  
Em cada nova criança

Morte:

Em cada povo guerreiro  
Que não se deixa abater  
Lutando por seus direitos  
E mostrando seu poder

Ciranda final:

**CDG**

Eu só espero que não se repita  
Outra tragédia igual  
Não dá pra suportar

Eles vão ver que a força de um povo  
Quando junta e vibra  
Ninguém vai parar

E Brumadinho não se entrega nunca  
Não vai ter empresa  
Que possa barrar

Aguardaremos nova primavera  
Uma nova era  
Pra nos libertar!

*André Luiz Freitas Dias é coordenador do Programa Transdisciplinar Polos de Cidadania da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), professor e pesquisador do Departamento de Psicologia, do Programa de Pós-Graduação em Direito (mestrado e doutorado), do Programa de Pós-Graduação em Promoção de Saúde e Prevenção da Violência (mestrado profissional), da Faculdade de Medicina da UFMG e professor colaborador do Grupo Girche, da Universidade de Barcelona, Espanha.*

*Fernando Antônio de Melo é coordenador do Programa Transdisciplinar Polos de Cidadania da Faculdade de Direito da UFMG, professor e pesquisador do Teatro Universitário da Universidade e dramaturgo e diretor geral da trupe "A torto e a direito".*